



STOCKINGER

**Os Diversos
Tempos da Forma**

Stockinger na Coleção do Museu de Arte do Rio Grande do Sul

Há muito faltava uma exposição capaz de dar conta da abrangência da obra do escultor Francisco Stockinger e de sua representatividade na coleção do MARGS. Era necessário também que tal exposição fosse capaz de reinstaurar o trabalho em um patamar diferenciado daquelas abordagens já cristalizadas que vêm situando sua obra no âmbito de uma tradição meramente figurativa e/ou acadêmica. Tais abordagens, na maior parte das vezes com certa ambivalência, acabaram colocando-a entre um projeto plástico por demais tradicional – se avaliado em relação às vanguardas históricas – e outro excessivamente eclético – quando visto de uma perspectiva de desenvolvimento interno de suas formas.

Se, por um lado, a figuração raramente abandonou a obra do artista, seu ecletismo veio a se mostrar o mesmo de muitos artistas contemporâneos cuja trajetória evolutiva do trabalho tornou-se relevante, ou melhor, tornou-se um dado de qualidade na obra pela simples razão de que, no caso dos últimos, tais desdobramentos foram seguidos de perto por uma produção crítica efetiva e consistente, capaz de elucidar cada movimento interno ao seu desenvolvimento. A obra de Stockinger não recebeu a mesma consideração crítica, sofrendo substanciais lacunas elucidativas que dificultaram drasticamente a legibilidade dos problemas estéticos que desenvolveu e, ao mesmo tempo, encobriram, em um movimento recíproco, os caminhos de seus desdobramentos criativos. Sendo assim, o público e inclusive a crítica passaram a ver tais lacunas como demonstrativas de uma suposta dificuldade da obra de se ater a um elenco de questões merecedoras de lógica interna que, se vistas no decorrer do tempo, poderiam explicitar um fio condutor capaz de unir as diversas fases do trabalho do artista desde o início.

Para esta exposição, escolheu-se o tempo como mediador das relações entre os diversos estágios da produção de Stockinger. Depois das exposições *Do Atelier ao Cubo Branco* e *Labirintos da Iconografia*, continuamos a avançar no processo de dar visibilidade ao acervo do museu e, ao fazê-lo, promover projetos curatoriais inovadores. Adotamos novamente nesta exposição um modelo labiríntico de curadoria, tanto interna quanto externamente, fazendo agora com que seja estabelecida uma conexão entre esta e a exposição anterior através da inclusão de fragmentos dos mecanismos de display utilizados em *Labirintos da Iconografia*. Situados como parênteses no espaço e, ao mesmo tempo, uma *mise en abîme*, tais fragmentos geram um processo de autorreflexão, um encontro de situações que, por meio de um mecanismo de espelhamento, produz infinitos desdobramentos, sofrendo um colapso sobre si mesmos e provocando uma instabilidade no significado.

Se admitirmos que toda produção requer um suporte crítico e teórico capaz de instituí-la em uma lógica coerente de desenvolvimento ou, então, que na ausência deliberada de tal coerência ela possa ser justificada como um fator de distinção, poderemos concluir que o valor estético dessa produção reside na insistência de seu desenvolvimento ao longo do tempo. Na medida em que colabora para constituir uma tradição escultórica local, a obra de Stockinger mostra claramente sua atualidade graças à qualidade diferencial de seus gestos artísticos.

Gaudêncio Fidelis
Diretor do MARGS

Observamos, na trajetória pessoal e artística de Francisco Stockinger (1919-2009), um exemplo de humanismo e ímpeto criador que dificilmente encontramos similar. Incansável, esse artista entregou-se de corpo e alma em tudo o que se envolveu. Sua condição maior foi ser um dos principais escultores brasileiros da segunda metade do século XX, aquele que plasmou em três dimensões, como ninguém, a simbologia do guerreiro na arte brasileira.

Nascido na Áustria, em 7 de agosto de 1919, Stockinger emigrou com sua família para o Brasil em fevereiro de 1923. Criou-se no interior do estado de São Paulo; depois, viveu na capital paulista e, finalmente, no Rio de Janeiro. Na capital fluminense, conheceu a gaúcha Yeda de Oliveira, com a qual se casou em 1949. Em 1954, arranhou um emprego como diagramador e chargista em *A Hora*, um novo jornal porto-alegrense. Assim, ele se tornou gaúcho aos 34 anos. Em 31 de dezembro de 1958, o artista finalmente naturalizou-se brasileiro.

Quando veio para o Rio Grande do Sul, Stockinger já tinha uma formação em escultura no ateliê-escola de Bruno Giorgi (1905-1993) e havia participado em salões de arte no Rio de Janeiro como premiado e até mesmo como jurado. Em Porto Alegre, lutou para se firmar no território artístico e, em dois anos, já era conhecida liderança artística local. Como escultor, firmou-se pouco a pouco através de dezenas de exposições que realizou e inúmeros prêmios que recebeu.

Por volta de 1961, sua escultura ainda não havia atingido um caminho definido, produzindo esculturas de modelagem em gesso, numa figuração de conotação expressionista. Não podendo mandar fundir suas obras por motivos econômicos, decidiu ele mesmo construir uma pequena fundição nos fundos de sua casa. Assim, Stockinger deu início à sua independência financeira e, paulatinamente, o emprego fixo em um jornal (chargista e cronista) foi cedendo espaço para a atividade de escultor. Em razão da economia de material caro (metais), somado à necessidade de aumento do tamanho das peças e às motivações sociais que exigiam do artista uma tomada de posição (protesto contra a Ditadura Militar), surgiram os guerreiros – metade ferro soldado, metade madeira. Procedimento construtivo e simbologia que caracterizam a contribuição desse artista ao universo da arte. Sua produção, ainda na década de 1960, desdobrou-se em vertentes interessantes, como as obras em sucata e a série “Sobreviventes”. No mesmo período, iniciou o trabalho em pedra, principalmente o mármore. Nessa linha, optou por uma produção abstrata. Em 1995, outra de suas marcas foi a representação em bronze do “homem-gabiru”, população nordestina que, em virtude da fome, alimentava-se de ratos.

Um fato raro, em se tratando de um conjunto monográfico de um acervo público, é que as obras de Stockinger pertencentes ao MARGS permitem traçar um panorama suficientemente representativo da produção desse artista. Entre as cerca de 50 obras de Stockinger no acervo, um primeiro grupo é composto por esculturas modeladas em gesso (década de 1950), resultado direto de seu aprendizado com Bruno Giorgi. Foram produzidas até meados de 1961 e são bustos convencionais, resultado de modelo vivo, e figuras religiosas. Entre essas obras, o destaque é uma figura feminina em tamanho natural, vencedora do Festival de Artes Contemporâneas de Porto Alegre em 1960.

Um segundo grupo homogêneo constituiu-se de xilogravuras. Arte de reprodução, a custos baixos e em quantidade, elas representam uma fase na qual Stockinger precisou desenvolvê-las por dificuldades financeiras. Essa produção foi realizada por volta de 1956 a 1961, de modo que o artista transformou-se em prestigiado professor da técnica. Nesse ano, ele praticamente parou de produzir gravuras e passou a formar gravadores, ministrando aulas de xilogravura (o curso Goeldi, 1961/1964) no Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, do qual foi o primeiro diretor. Entre os alunos desse curso, destacaram-se, por exemplo, Regina Silveira e Vera Chaves Barcellos. Contudo, o MARGS não possui apenas gravuras. Este ano, junto com outras gravuras de Stockinger, reeditadas entre 2007 e 2009, está incorporando-se ao acervo uma numerosa série de tacos (década de 1950), que são as matrizes das xilogravuras, objetos que podem ser exibidos como documentos artísticos. Além de belas peças de madeira entalhada, os tacos também servem para revelar os processos dessa arte medieval que se mantém viva e atual até hoje.

Entre outras esculturas que o museu possui, em bronze, ferro e madeira, destaca-se o exemplar mais conhecido da série dos “Sobreviventes” (conjunto com somente pouco mais de dez peças). Trata-se de um animal aterrorizador, feito com madeira, sucatas de ferro, ossos de animais e partes de bonecas de plástico. Essa série foi realizada sob caráter político-social, mas as obras acabaram por tomar feições incrivelmente horrendas, como denúncia da miséria humana, no sentido de expor o papel dantesco e destruidor que o homem pode vir a assumir em decorrência de seus atos.

O conjunto de pedras (mármore e basalto), esculpido nas décadas de 1980 e 1990, é conhecido por revelar um artista mais preocupado com a forma. Quando essa produção foi dada a conhecimento, o próprio Stockinger a chamou de “o descanso do guerreiro”: uma pausa na arte social e figurativa por meio de uma linguagem abstrata, que o aproxima da arte sensorial, orgânica.

Outro grupo numeroso no acervo do MARGS representa uma retomada da arte social em Stockinger, o conjunto dos homens-gabirus (1995/1997), a série que denunciou a miséria do povo nordestino. Ali, em bronze fundido, o artista volta a surpreender com representações de pessoas que expressam o seu mais profundo sofrimento, a miséria e a morte pela fome. Da expressão mais conhecida de Stockinger, o guerreiro em ferro soldado e madeira integra o acervo do museu uma escultura de 3,4 metros de altura, realizada em 2006 e doada em 2008, o maior guerreiro que o artista realizou.

Esta mostra inédita, tendo em vista que exhibe pela primeira vez todas as obras do artista em uma só exposição de acervo, constitui-se por uma convergência de homenagens bastante apropriadas: integra as comemorações dos 57 anos do MARGS, instituição que Stockinger dirigiu duas vezes na década de 1960; realiza-se no ano do cinquentenário do Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, do qual, já se sabe, ele foi o primeiro diretor; e, por fim, é justa homenagem no mês em que o artista completaria 92 anos.

Curadoria: José Francisco Alves



Abertura dia 18 de agosto, às 19h

Visitação de 19 de agosto a 9 de outubro de 2011
De terças a domingos, das 10 às 19h
Entrada Franca

MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL ADO MALAGOLI
Praça da Alfândega, s/nº • Centro Histórico
90010-150 • Porto Alegre/RS • Brasil
Fone (51) 3227.2311 • Fax (51) 3221.2646
www.margs.rs.gov.br



Apoio

M A R G S
MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL

Arteplantas

Killing
TINTAS ADESIVOS

CELLULOSE
RECONSTITUÍVEL

Realização

MUSEU DE ARTE
do Rio Grande do Sul

Secretaria da Cultura

Rio Grande do Sul
Estado de Cultura